

## Editorial

---

Os polímeros não são apenas os baldes e os alguidares de plástico. Os polímeros não são apenas esses objectos detestáveis em que tropeçamos nos nossos passeios pela praia e pelo campo. São também polímeros os elementos essenciais da nossa delicada maquinaria bioquímica. São polímeros alguns materiais de alta tecnologia que proporcionaram nas últimas décadas avanços tecnológicos espectaculares.

Basta olharmos à nossa volta para verificarmos que os materiais poliméricos invadiram todos os domínios da actividade humana: construção, indústria eléctrica e electrotécnica, agricultura, saúde, embalagem, aparelhagem doméstica, indústria automóvel, decoração, etc... Com as suas vertentes científica, tecnológica e comercial os polímeros influenciam decisivamente a vida das sociedades, continuando-se a observar a tendência, aliás crescente, para substituírem muitas matérias-primas tradicionais num número cada vez maior de aplicações.

Na sua grande maioria fabricados a partir do petróleo bruto e do gás natural, nem os chamados choques petrolíferos (que, como é do conhecimento geral, elevaram para valores altíssimos o custo destas matérias-primas), travaram a sua difusão. Agora que assistimos a uma descida igualmente espectacular no seu custo parece lógico esperar um incremento ainda mais acentuado do consumo dos polímeros com invasão de novos e importantes domínios.

Em Portugal, e sem grandes preocupações de exactidão, podemos apontar o quadro geral seguinte: a indústria produtora de matérias-primas plásticas fabrica cerca de 300 000 toneladas/ano gerando um volume de vendas de 40 milhões de contos e ocupa 2000 trabalhadores; a indústria transformadora é composta por 500 firmas com 15 000 trabalhadores, atingindo um volume de facturação de cerca de 70 milhões de contos. O consumo de plásticos por habitante é de cerca de 35 kg/ano. Correspondendo este valor a um dos mais baixos da Europa, onde há países com uma capitação três vezes superior, parece lógico admitir que o sector deverá conhecer a médio prazo um notável desenvolvimento, caso lhe sejam facultadas as necessárias condições de actuação.

A ideia de se publicar um número do Boletim dedicado aos polímeros resulta de se tratar de um domínio que tem no nosso país uma certa dimensão, quer do ponto de vista industrial quer do ponto de vista da investigação científica. E neste contexto surge a possibilidade de reunir contribuições de diversos sectores, de fomentar a aproximação tão desejável entre especialistas da Indústria e da Universidade. Por outro lado, o desenvolvimento rápido da química dos polímeros (com as suas características bem específicas) veio criar um certo vazio de conhecimento não só ao nível do cidadão comum como também entre os próprios técnicos e profissionais da química. Com efeito, para muitos químicos, habituados pela sua formação clássica a pensar apenas no comportamento das moléculas "pequenas", a problemática dos polímeros é ainda hoje um terreno virgem. Contribuir para o preenchimento deste vazio de conhecimento é também um dos objectivos deste número do Boletim.

Embora tenhamos tentado ter colaboração tão diversificada e qualificada quanto possível, não deixarão certamente de existir falhas. Estas poderão e deverão ser corrigidas através do debate e de novas colaborações que serão sempre bem-vindas.

Finalmente, não podemos deixar de agradecer ao Eng. Francisco Pedroso (CEL-CAT) e ao Dr. José da Costa Reis (CNP) a sua valiosa colaboração no planeamento deste número do Boletim.

A Direcção